

23. Testemunhas maravilhados da Redenção

Quando Jesus reprova Pedro por não ter os sentimentos de Deus, mas dos homens, o fez pensando no Pai. Mas quais são os sentimentos do Pai? Com quais sentimentos o Pai queria que o Filho sofresse, morresse e ressuscitasse? Lembremos o que causou a reação contrária de Pedro aos sentimentos de Deus: "Desde então, Jesus começou a manifestar a seus discípulos que precisava ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas; seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia" (Mt 16,21).

Podemos dizer que as Escrituras nos revelam dois sentimentos fundamentais no Pai: a preferência do Filho, expressa no Batismo de Jesus e no momento da Transfiguração, e a compaixão misericordiosa pelos homens. E no mistério pasqual, já preanunciado no Batismo e na Transfiguração, é como se estes sentimentos se fundissem ou, melhor, se manifestassem em sua unidade, porque o amor de Deus, o Coração de Deus, não é dividido. No Getsêmani, é como se o Filho permitisse, como faz desde a eternidade, que o Pai ame os pecadores com a predileção que ama eternamente à Ele, na comunhão do Espírito. E este amor redime a humanidade, é a Redenção do homem. O anúncio da paixão, da morte e da ressurreição foi o anúncio da Redenção, como o cumprimento da predileção do Pai pelo Filho, comunicada e participada aos homens, criados para se tornarem filhos de Deus em Cristo. Opondo-se a isto, Pedro se opôs ao amor de Deus que, em Cristo, alcançava a humanidade para nos amar até o fim, isto é, à Redenção em Seu Sangue. Era como se Pedro desejasse que a vinda de Cristo não fosse para redimir o homem, como se pensasse que a salvação não fosse a Redenção. Atendia de Cristo, o que os homens atendem dos homens e não o que Deus desejava dar aos homens.

"Sentir como Deus" significa então atender de Cristo essencialmente a Redenção. E isto significa atender o que só Ele pode nos dar. A libertação do povo de Israel da dominação dos romanos, bem como outros valores e poderes, se pode esperar dos homens, mas a Redenção pode nos dar somente o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado por nós.

Para o Pai, na Redenção, coincide a predileção do Filho com a misericórdia para os homens. Coincidem nos sentimentos do Pai, totalmente acolhidos pelo Filho, e coincidem para nós, para nos salvar.

Por isso, não existe maior amor a Deus que nos deixar redimir, pois isto significa nos deixar ser prediletos do Pai, como o Filho é predileto, e preferir o Pai como o Filho prefere. O dom do Espírito de Pentecostes, fruto e realização inesgotável da morte e ressurreição do Senhor, é este sentimento de Deus que se comunica à humanidade, formando a Igreja, o povo dos redimidos, isto é, nós e toda a humanidade a qual ainda falta Aquele que já se entregou por todos.

Se fossemos realmente conscientes disto, viveríamos nossa vocação cheios de maravilha.

Um dos ícones mais expressivos de um "eu" maravilhado, sobre o ápice de uma liberdade despertada pelo encontro com Cristo, é o São Mateus de Caravaggio em San Luigi dei Francesi. A ambiguidade da cena e dos gestos, acentuam a surpresa nos olhos de Mateus, e a surpresa dos olhos define o gesto do indicador voltado para si, se interrogando, como se toda a figura de Mateus dissesse "eu?", mas não um "eu" arrastado como o "Eu?" de D. Abúndio. O ponto interrogativo no "eu?" de D. Abúndio não é aberto, não é extrovertido, foi dito como se estivesse na entrada da toca do rato, onde D. Abúndio está pronto para se retirar. O "eu?" expresso pelo indicador de Mateus, mas sobretudo pelo olhar maravilhado, já está fora da toca dos cúmplices e clientes interessados no dinheiro: expressa um desejo, uma questão a Cristo. Está atraído a sair de si em direção ao Tu que o olha, aponta e o chama, um Tu que já está em companhia, resumida nesta pintura por Pedro, que reflete e enfatiza o gesto de Jesus para Mateus.

Esta maravilha cheia de desejo, esta admiração de criança, expressos nos olhos de Mateus, é o frescor da vocação a qual somos chamados sempre a retornar. Para sermos felizes e fecundos no viver a nossa vocação, devemos sempre voltar essencialmente a esta maravilha, que é um dom do Espírito.

Uma clarissa suíça, Irmã Maria da Trindade, no século Luisa Jacques, morta em perfume de santidade em Jerusalém, amiga da mística Adrienne von Speyr no sanatório de Leysin, quando ambas eram ainda protestantes, demonstrou este frescor em uma carta a uma amiga em 1942, escrita cinco meses antes de sua morte, com 41 anos, em 25 de junho de 1942:

"Estou feliz com minha vocação, sabe talvez tenhas adivinhado. Gostaria de poder dizer a fim de que minha felicidade irradie tanto, que caia como alegria nas almas dos outros... mas não sei falar, e é tão íntima a felicidade de uma clarissa, que não se pode explicar. Se imagina. Dizem que nos empenhamos no caminho da perfeição. Não acredito de estar e não sei se nunca chegarei, mas percebo estar comprometida em um caminho de admiração! Não há nada mais lindo que se aproximar do Senhor Jesus!" (Carta a Blurette, Jerusalém, 11 de janeiro de 1942).

A maravilha diante da beleza da presença de Cristo que nos chama à Ele, é o compromisso exaustivo e inesgotável da vocação, é isto que regenera no encontro com Cristo a alegria e a fecundidade do nosso seguimento, tornando fecundo para a alegria dos outros.

Uma vocação é realizada, não quando é perfeita, mas quando é maravilhada, como no início. A maravilha é a alegria sentida em algo fora de si, maior de si mesmo, que também foi dada e uma pessoa experimenta. É possível desde o início esta plenitude, se o olhar e o coração, estiverem abertos agora, desarmados diante da beleza de Jesus Cristo, uma beleza que já existe, porque é a Sua. Não devo criá-la em mim, pois me foi dada, se doa, me alcança: «Jesus levantou o olhar e disse: "Zaqueu!"» (Lc 19, 5).

Nossa beleza é a maravilha diante de Cristo que nos chama agora.

O final do meu último capítulo no CFM, é sempre como o final de um filme, onde lista todos os intérpretes, colaboradores, e assim por diante. E sempre me impressiono, no fim dos filmes, ao ver quantas pessoas precisam trabalhar ocultamente para que se realizem. Mas geralmente, no final dos filmes, as pessoas não param para ler a lista completa. Faço isto, especialmente quando um filme me emociona muito, e preciso ficar em silêncio para viver profundamente esta emoção, e deixar passar os sinais externos, como as lágrimas, que não se deseja expor ao público...

Portanto, é com emoção, porém alegre, que agradeço, em nome de vocês e de todos, o Pe. Procurador Lluç, Pe. Galgano, Agnese e Piotr Kulczycki por todo o imenso e cuidadoso trabalho organizacional; nossas queridas Irmãs Missionárias Filhas do Coração de Maria na cozinha, lavanderia e engomaria, sem as quais não teríamos sobrevivido este mês; todos os Professores, cujo nomes foram publicados no programa do curso, e foram altamente apreciados; os intérpretes, todos muito eficientes, e particularmente agradeço aos da Ordem e às suas comunidades, que nos emprestaram: Pe. Bazezew de Shola, Pe. Guilherme de Claraval e Ir. Aline de S. Giacomo di Veglia. Um grande trabalho foi feito por todas as tradutoras e os tradutores dos meus capítulos: Annemarie Schobinger para alemão, e também para o francês, compartilhado com a Ir. Michaela de Rieunette; Madre Eugenia de Talavera de la Reina para o espanhol; Ir. Aline para o português; Pe. Stephen de Dallas, com seus irmãos Pe. Thomas e Pe. John para o inglês.

E, finalmente, agradeço vocês, estudantes, por terem vivido este Curso com atenção e espírito fraterno, com grande ajuda recíproca na comunicação, no silêncio e serviço, também diante de casos de emergência, que graças a Deus terminaram bem.

Este ano, 22 de vocês terminaram o Triênio! Muitíssimos! Vamos sentir saudades no próximo ano, mas vocês verão que a comunhão nascida e crescida nestes anos, dará frutos de comunhão, mais forte do que as distâncias e o tempo.

Por isso, nos deixaremos com gratidão a Deus, e não nos esqueçamos de rezar uns pelos outros, para que as sementes que o Curso colocou em nós (assim espero), dê bons frutos na vinha do Senhor.

Obrigado!